
O último Congresso do PCUS

...Antes que a história seja reescrita

V.A. Tiúlkine¹

Em 2011 assinalou-se um triste aniversário: os 20 anos da destruição da URSS. Este foi um acontecimento trágico não só na história dos povos da União Soviética mas de todo o mundo. Até hoje ainda não se apaziguaram os ânimos em torno deste acontecimento, tanto por parte dos partidários do socialismo como de fervorosos anticomunistas. Sem dúvida que no exame das razões da derrota do socialismo na URSS (temporária, estou convencido disso), a análise da actividade, erros e degenerescência do próprio PCUS ocupa um papel central. Não foi em vão que Lénine preveniu: «Ninguém nos pode arruinar senão os nossos próprios erros». ² Ou seja, as principais razões da derrota devem ser procuradas, antes de mais, em nós próprios, e não em intrigas nos bastidores internacionais do imperialismo inimigo, apesar de indubitavelmente terem existido e desempenhado um papel relevante. O último congresso do PCUS no poder teve lugar em Julho de 1990. Em grande medida, segundo a expressão do seu último secretário-geral, M.S. Gorbatchov, o Congresso foi *fatal* para a União Soviética, para o povo soviético e para o próprio PCUS.

Como participante, proponho-me, por um lado, descrever uma vez mais alguns momentos cruciais, e outros simplesmente curiosos, dos acontecimentos desses anos: *Como se passou?* Isto porque são cada vez menos os participantes que continuam vivos, em contrapartida são cada vez mais aqueles que reescrevem a história. Por outro lado, com a distância de 20 anos, procurarei responder à pergunta: «*O que é que aconteceu?*». Isto é particularmente importante porque, do nosso ponto de vista, não se pode dizer de forma alguma que o movimento comunista da Rússia, das repúblicas

¹ Víktor Arkádievitch Tiúlkine é primeiro secretário de Partido Comunista Operário da Rússia – Partido Revolucionário dos Comunistas (PCOR-PRC). Foi delegado ao XXVIII Congresso do PCUS e ao Congresso Fundador do Partido Comunista da República Socialista Federativa Soviética da Rússia (Junho-Setembro de 1990). O presente artigo foi publicado no site indicado do PCOR-PRC, em 17 Abril de 2012, com o título original «*Vinte anos para aprender a lição... e muitos continuam sem passar de classe*» («*Двадцать лет на изучение урока..., а многие все в том же классе*»). (N. Ed.)

² «*Relatório sobre o papel e as tarefas dos sindicatos na reunião da fracção comunista do II Congresso dos Mineiros de Toda a Rússia*», Janeiro de 1921, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante, Lisboa, 1986, t. 5, p. 224. (N. Ed.)

da URSS e do mundo retiraram as devidas lições do ocorrido. Poderia até usar a expressão de que muitos partidos comunistas *ainda não passaram de classe* e continuam a insistir nos mesmos erros que, de modo geral, conduziram à derrocada do PCUS.

Doente de não comunismo

Ao abordarmos os acontecimentos daqueles anos, antes de mais é preciso notar que o Congresso Constituinte do Partido Comunista da República Socialista Federativa Soviética da Rússia [PC da RSFSR], que se realizou em duas fases (20-23 Junho e 5 e 6 em Setembro de 1990), e o XXVIII Congresso do PCUS (3-13 de Julho de 1990) devem ser examinados como encadeamento único de acontecimentos. Isto porque não só a maioria dos delegados ao XXVIII Congresso do PCUS era composta por membros das organizações do PC da RSFSR (2700 num total de 4610), como pelo facto de as delegações das organizações do PC da RSFSR serem integradas pelos seus membros mais activos, que representavam na altura as principais correntes no PCUS, seja a corrente comunista, seja diferentes tipos de anticomunistas. No Congresso Constituinte do PC da RSFSR, que se realizou poucos dias antes da abertura do XXVIII Congresso do PCUS, foi travada uma batalha bastante séria contra Gorbatchov, e a agudeza da discussão por vezes chegou a superar significativamente a tensão dos trabalhos no XXVIII Congresso.

Para a compreensão deste processo é útil expor desde já o ponto de vista dos comunistas ortodoxos do Partido Comunista Operário da Rússia (PCOR) – então ainda Movimento Iniciativa Comunista (MIC) da Rússia – segundo o qual, no momento do XXVIII Congresso, o PCUS já não era de longe um partido comunista revolucionário ortodoxo, de acordo com a definição leninista de partido de novo tipo. Na sequência dos esforços feitos nos XX e XXII congressos do PCUS, o partido rejeitou pedras angulares do marxismo tais como a doutrina sobre a ditadura do proletariado ou a noção de Estado com um estrito instrumento da classe dominante. Fora igualmente abandonada a ideia de que a luta de classes se mantém nas condições do socialismo, e as reformas realizadas na economia conduziram ao enfraquecimento do carácter social directo da produção e ao desenvolvimento da orientação monetário-mercantil.

Desde o tempo de Khruchov que o Estado passou a ser designado como «*Estado de todo o povo*», e até mesmo o partido comunista era entendido e apresentado, com crescente frequência, como o «*partido de todo o povo*». Penso que se pode dizer que se no XXII Congresso do PCUS, sob a direcção de Khruchov, o partido abandonou as posições comunistas e passou para os trilhos do revisionismo, mantendo contudo a designação de comunista e a correspondente fraseologia, então no XXVIII Congresso, sob a direcção de Gorbatchov, o partido adoptou abertamente, como armas, teses não comunistas, sociais-democratas e até mesmo anticomunistas. Todavia manteve igualmente a sua designação de comunista, cobrindo-se com a bandeira vermelha e jurando fidelidade à *escolha comunista*. (Pessoalmente ouvi Gorbatchov afirmar que *permaneceria comunista até ao fim dos seus dias*).

Temos pluralismo...

Não obstante, penso que a diferença estava no facto de que a maioria dos delegados do XXII Congresso eram provavelmente, expressando-me na linguagem de Lénine, *oportunistas honestos e revisionistas involuntários*, o que se devia ao baixo nível da sua preparação marxista, apesar de serem mais ou menos uma massa homogénea de *militantes leninistas*, como se julgavam. Já no XXVIII Congresso do PCUS observava-se com total clareza uma peculiar mixórdia ideológica de diferentes elementos políticos heterogéneos: desde marxistas ortodoxos até furiosos anticomunistas. Não foi por acaso que, quando o professor A.A. Serguéiev iniciou a sua intervenção no XXVIII Congresso, em nome Movimento Iniciativa Comunista (MIC), se dirigiu aos delegados da seguinte maneira: «*Camaradas comunistas! Camaradas marxistas legais! Mas também socialistas, sociais-democratas de esquerda e de direita e outros membros do nosso partido (...)*» – as suas palavras tenham sido recebidas com risos e aplausos.

E no relatório do MIC ao Congresso Constituinte do PC da RSFSR, que os camaradas me incumbiram de apresentar, a situação era assim descrita:

«*Quer os líderes da esquerda quer da direita são membros do nosso partido. Quer na Frente Unificada dos Trabalhadores³ quer na Frente Popular.⁴ E quer aqueles que são a favor do comunismo quer os que são contra, todos são membros do nosso partido. (Aplausos) E aquele que lá em cima acompanha tudo isto e diz: “Muito bem! pluralismo!” – esse é o principal ideólogo do partido*». (Aplausos)

A unidade é uma grande palavra. Mas nós defendemos a unidade dos marxistas e não a unidade dos marxistas com os deturpadores do marxismo». (Aplausos)⁵

No Congresso Constituinte do PC da RSFSR colocámos a questão da necessidade da demarcação, da depuração do partido dos elementos alheios e da política não comunista. Os acontecimentos posteriores, quer ainda no decorrer destes congressos quer depois, em particular depois de Agosto de 1991, mostraram que as nossas análises eram justas. Por exemplo, no XXVIII Congresso do PCUS, no momento da elaboração das listas para a nova composição do Comité Central foi feita a tentativa de excluir o nome do economista adepto do mercado, S. Chatáline, com o argumento de que ele próprio se designava social-democrata. No entanto, o próprio Gorbachov saiu em sua defesa, alegando que as exclusões pertenciam ao passado não democrático, e que o *camarada Chatáline não se tinha ele próprio excluído da lista*. Na votação, esta questão não voltou a ser levantada e, assim, um declarado e deste modo reconhecido social-democrata entrou na composição do CC do Partido Comunista da União Soviética (o qual, nessa altura, naturalmente, já não era comunista).

³ A *Frente Unificada dos Trabalhadores* (Объединённый фронт трудящихся) foi formada em Julho de 1989 por comunistas descontentes com o curso da *perestroika* e a descaracterização do PCUS. Foi a partir das suas fileiras que se constituiu, em Novembro de 1991, o Partido Comunista Operário da Rússia. (N. Ed.)

⁴ A Frente Popular (народный фронт) foi criada inicialmente em Leningrado e existiu enquanto organização informal entre 1988 e 1990, dando origem a outras frentes populares, nomeadamente nas repúblicas do Báltico. Apoiavam a *perestroika* e a chamada «*democratização*», a partir de posições claramente anti-soviéticas. (N. Ed.)

⁵ *Boletim, Registo Estenográfico do Congresso Constituinte do PC da RSFSR* (Бюллетень. Стенографический отчет Учредительного съезда КП РСФСР).

Na mesma ocasião, durante a eleição do Comité Central, foi também questionado o nome de V.H. Chostakóvski, reitor da Escola Superior do Partido adstrita ao CC do PCUS, não só porque representava a chamada Plataforma Democrática no PCUS, mas também porque, já naquele tempo, exortava os partidários da sua linha a abandonar o partido e a criar um novo partido democrático (a principal razão que os conteve foi o desejo de resolver a questão da partilha do património do partido). Refiro estes aspectos como exemplos para que os leitores possam fazer uma ideia mais aproximada do tipo de quadros que eram caldeados na Escola Superior do Partido, que já fora uma forja de revolucionários profissionais em tempos idos, e da atmosfera que dominou o XXVIII Congresso do PCUS.

No período que se seguiu ao Congresso, a assunção de posições claramente anticomunistas, por parte de figuras como E. Chevardnadzé, P. Bunitch, A. Iákovlev, O. Latsis, A. Sobatchak, B. Élt sine, A. Rutskoi, V. Lissenko, V. Chostakóvitch, A. Tsipko, I. Boldiriev e outros activos delegados *democratas*, confirmou a extrema heterogeneidade não só do Congresso, como também, apesar de em menor grau, de todo do PCUS. Mesmo posições abertamente revisionistas já não geravam consenso geral, e até os limites ideológicos esboroados se revelavam apertados para muitos dirigentes do PCUS, que aspiravam ao papel de ideólogos e teóricos de diversas correntes.

O oportunismo honesto

Naturalmente que é preciso reconhecer que a grande massa de membros do partido, não sendo marxistas teoricamente bem preparados, eram pessoas honestas e que acreditavam no comunismo, na palavra, nas citações e na autoridade dos líderes. Mas isto fez com que inicialmente apoiassem oportunistas *honestos*, e depois revisionistas conscientes. Nunca esquecerei o momento em que Egor Kuzmitch Ligatchov, sem dúvida pessoalmente um indivíduo dedicado ao partido, subiu à tribuna e sob a pressão do ambiente geral, quando todos repetiam *mercado, mercado, mercado*, também ele se afirmou *favorável ao mercado*, mas do mercado *socialista*. Aliás, ele até escreveu um livrinho de propaganda sobre as posições de mercado.

O oportunismo *honesto* manifestou-se de forma particularmente nítida quando se abordou as relações com a direcção do PCUS, em particular com Gorbatchov, e a questão da unidade do partido. Assim, antes da eleição do secretário-geral do PCUS, na reunião de delegados da organização de Leningrado, o secretário do Comité de Oblast para a Ideologia, Iúri Pávlovitch Belov (actual ideólogo do PCFR), conhecido como opositor à ditadura do proletariado, apelou ao voto em Gorbatchov com o seguinte argumento: «*É certo que Gorbatchov é mau, mas... é o Presidente e só ele pode defender o partido. É preciso votar em Gorbatchov*», e suspirou profundamente. E foi assim que elegeram o seu defensor, e ainda hoje suspiram. Com a mesma sinceridade, manifestando-se em prol da unidade do partido, apoiaram Gorbatchov *contra* Élt sine e contra os críticos à esquerda de Gorbatchov.

Corrigir ou reconstruir

Outro sinal revelador da fraca preparação teórica da grande massa dos membros do PCUS está na utilização do próprio termo «*perestroika*» para designar a linha estratégica do partido. É conhecido a forma como, no IX Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia (finais de 1921), Lénine reagiu às *perestroikas* e *perestroikos*⁶ daquele tempo:

«Depois de uma grande revolução política levanta-se, no entanto, uma outra tarefa que é preciso compreender: é preciso digerir esta revolução e realizá-la na vida, não se dar a desculpa de que o regime soviético é mau e que é preciso reconstruí-lo. Temos entre nós um número terrivelmente grande de aficionados das reorganizações de todo o tipo, e destas reorganizações [perestroikas] resulta uma calamidade tão grande como nunca conheci na vida. Que existem insuficiências no aparelho de organização das massas, sei-o perfeitamente, e por cada dezena de insuficiências que qualquer um de vós me pode indicar, acrescentarei no mesmo instante uma centena de outras. Mas a questão não está em melhorar o aparelho através de uma reorganização rápida, mas no facto de que é necessário digerir esta transformação política para alcançar um outro nível económico e cultural. É nisto que reside a questão. Não se trata de reorganizar, mas, pelo contrário, é preciso ajudar a corrigir as numerosas insuficiências que existem no regime soviético e em todo o sistema de administração, a fim de ajudar milhares e milhões de pessoas. É necessário que toda a massa de camponeses nos ajude a digerir esta grandiosa conquista política que obtivemos. Nesta matéria temos de ser lúcidos e ter presente que alcançamos esta conquista, mas ela ainda não penetrou no coração da vida económica quotidiana e nas condições de existência das massas. Isto requer um trabalho de décadas inteiras, e é preciso consagrar-lhe enormes esforços. Esta tarefa não pode ser realizada com o mesmo ritmo, a mesma rapidez e nas mesmas condições em que realizámos o trabalho militar.»⁷

Depois de tais afirmações de Lénine, como se pôde chamar «*perestroika*» à política estratégica do partido numa dada etapa? É difícil explicar. Resta-nos pressupor que tal se deveu a uma total impreparação teórica da maioria da direcção *honest* ou, hipótese que nos parece mais provável, à má-fé de refinados anticomunistas do tipo de Aleksánder Iákovlev, principal ideólogo de Gorbatchov. Com efeito, o termo «*perestroika*» também pode ser entendido como mudança de regime. O mais provável é as duas coisas se terem conjugado com o nível escandalosamente baixo de preparação teórica por parte da grande massa de membros do partido, habituados a acreditar nos dirigentes. (Entre os membros do partido, sei-o por experiência própria, havia muitos que nem sequer tinham lido o programa do PCUS). Aderiram à «*perestroika*» com entusiasmo, mas sem qualquer ideia clara sobre o que era preciso fazer.

⁶ O termo russo *perestroika* significa literalmente reconstrução, reorganização ou reestruturação. O prefixo «*pere*» transmite neste caso a ideia de refazer, repetir, e a palavra *stroika* significa construção, obra. Porém, neste termo está também contida a palavra *stroï*, que significa regime, formação (por exemplo: *sotsialisticheski stroï* significa regime socialista. Daí que a palavra *perestroika* também possa ser interpretada como mudança de regime. (N. Ed.)

⁷ *A Política Externa e Interna da República, Relatório do Comité Executivo Central e Conselho de Comissários do Povo ao IX Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia*, 23 de Dezembro de 1921, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), Moscovo, 1970, t. 44. pp. 326-327.

A oposição ao gorbatchovismo

Tenho ouvido muitas vezes opiniões de camaradas de outros países de que também na Rússia, alegadamente, tanto o XXVIII Congresso como o PCUS em geral cederam posições sem luta: supostamente todos seguiram docilmente Gorbatchov, votaram a favor do mercado, do *socialismo democrático de rosto humano*, a favor da *perestroika*, etc. Isto não é justo. A oposição a Gorbatchov e à sua linha política existiu inquestionavelmente, aliás, de forma organizada, e se não logo desde os primeiros dias da sua governação, seguramente pelo menos a partir de 1987. Inicialmente, com o apoio do Comité do *Oblast* de Leningrado do PCUS, foi criada uma associação de comunismo científico, que no essencial juntou cientistas representantes das ciências sociais. Mais tarde surgiram os clubes políticos de operários «*Pelo Leninismo*». Depois estas organizações unificaram-se e alargaram-se, formando a Frente Unificada de Trabalhadores, primeiro em Leningrado e em Moscovo, depois ao nível de toda a Rússia, com o apoio do Conselho Central da União de Sindicatos da URSS, e finalmente em 1989 foi criado no PCUS o Movimento Iniciativa Comunista. Os congressos da «Iniciativa» foram a sua actividade mais conhecida, o primeiro dos quais teve lugar em Abril de 1990, em Leningrado, onde estiveram representados mais de um milhão de comunistas de organizações da Rússia.

A luta contra a transição da economia para as relações de mercado foi a questão fundamental da oposição à *perestroika* de Gorbatchov. No relatório político do Comité Central, Mikhail Gorbatchov procurou apresentar esta questão decisiva para ele, socorrendo-se da teoria económica. Todavia, o secretário-geral não encontrou melhor forma do que apoiar-se na lei fundamental do capitalismo – a lei do valor:

«Antes de mais, sobre o mercado em si. Ele teve uma evolução milenar – da troca espontânea de mercadorias até ao mecanismo altamente organizado. Devemos evitar atitudes voluntaristas, aprender a regular os processos económicos, apoiando-nos na lei do valor, e assim criar novos e poderosos estímulos à actividade económica prática».

Aqui, dando-se conta da inconsistência e falsidade das suas posições, perante pessoas honestas mas não muito versadas em questões da economia política, assegurou:

«Mas somos resolutamente contra a estratificação baseada em rendimentos que não provenham do trabalho ou com origem em privilégios ilegais».

Mais adiante Gorbatchov soltou umas pérolas que só podem ser apreciadas pela maioria das pessoas à luz dos conhecimentos de que hoje dispõem:

«O mercado, no seu conceito actual, nega o monopólio de uma forma de propriedade, exige a sua diversidade, a igualdade de direitos económicos e políticos. Quer as empresas estatais, quer a propriedade colectiva, cooperativa ou de companhias accionistas, a propriedade laboral do agricultor, do artesão ou das famílias – tudo isto fortalece as bases democráticas da sociedade, porquanto os trabalhadores se tornam donos genuínos dos meios de produção e dos resultados do trabalho, e estão interessados pessoalmente na eficácia do trabalho e em altos resultados finais».

E, neste instante, Gorbatchov passa da necessidade da reforma da economia de mercado para a justificação da reforma política em curso e do modelo do parlamentarismo, o qual os camaradas do PCFR e do PCU [Partido Comunista da Ucrânia] continuam até hoje a apregoar como poder popular:

«Afirmámos aqui de viva voz a necessidade de materializar na vida a concepção leninista de poder popular».

Além disso, Gorbatchov sublinha a continuidade e afinidade ideológica da *perestroika* com o XX Congresso do PCUS de Khruchov:

«Antes de mais, devo repetir aquilo que já disse várias vezes: a concepção da perestroika não é uma subida iluminação de um grupo de pessoas. Desde o XX Congresso do PCUS que no partido e na sociedade se desenvolvem buscas».

Estas buscas conduziram naturalmente Gorbatchov à negação do carácter proletário do partido e à adopção do conceito khruchoviano de *«todo o povo»*: *«Nós somos o partido da perestroika, e por conseguinte o PCUS intervém hoje como uma organização política de todo o povo.»*⁸

Naturalmente que todos estes raciocínios teóricos estão cosidos com fio de alinhavar. Deste os tempos do primeiro programa do POSDR⁹ que qualquer comunista mais ou menos instruído sabe que a produção mercantil gera todos os dias e a todas as horas relações capitalistas. Por isso, o lema *«Viva a economia de mercado»* e os argumentos do tipo *«não há alternativa ao mercado»*, *«não há outro caminho»* tiveram no partido e nos círculos de cientistas economistas uma oposição bastante séria. Os cientistas antimercado (N. Khéssine, E. Ilienkov, R. Kossolopov, A. Eriómine, V. Elméiev, A. Kachenko, N. Moissienko, A. Pokritane, M. Popov, D. Dolgov, A. Seguéiev e muitos outros) defenderam posições de princípio diferentes. Um dos mais prestigiados filósofos soviéticos, E. Ilienkov, escreveu:

«Aqueles economistas que deformaram a teoria marxista do valor, prestaram um muito mau serviço à nossa teoria e prática (...) Não são economistas aqueles que consagraram tantos esforços a demonstrar o indemonstrável (...) nomeadamente que a “produção socialista, em geral, é uma produção mercantil”».

E mais adiante prossegue:

«É certo que na sua “fase socialista” de evolução, o comunismo continua a conservar (“a arrastar atrás de si”) relações monetário-mercantis, expressas na forma de valor que não lhe é própria. Esta forma não só não tem nada em comum com a organização comunista do trabalho social, como constitui um seu concorrente e antagonista».

Os participantes nestas discussões sobre economia afirmam que os gorbatchovistas-mercantilistas não ganharam nenhuma discussão teórica aberta nem nenhum debate público sério sobre economia. Por isso, os mercantilistas viram-se obrigados a agir pela calada, utilizando a sua enorme vantagem em matéria de recursos administrativos, como hoje se diz, e de meios de informação de massas.

Decidindo o assunto secretamente, na mais alta cúpula do partido e do Estado, inclusive sob a influência de governantes do imperialismo internacional (Gorbatchov já se tinha encontrado com Thatcher e Reagan, que o receberam com um entusiástico optimismo), colocaram efectivamente o partido e o povo perante o facto de uma escolha já feita, apresentando o assunto como se a via do mercado fosse um desígnio incontornável, alegadamente reconhecido pela ciência, experiência internacional e até pela teoria marxista-leninista. Como prova da última afirmação, inventaram e difundiram a chamada *«metodologia da NEP»*. E aquele que não compreendesse ou

⁸ XXVIII Congresso do PCUS, t. 1., p. 86.

⁹ Partido Operário Social-Democrata da Rússia. (N. Ed.)

não aceitasse a linha do mercado, era simplesmente rotulado de retrógrado, dogmático, elemento atrasado.

Já assinalámos que estes alegados *elementos atrasados*, nas suas intervenções no XXVIII Congresso do PCUS e no Congresso Constituinte do PC da RSFSR, não só fizeram uma crítica construtiva de princípio à defecção de Gorbatchov e da sua equipa, como em grande parte previram as consequências que teria para o país e o povo a transição para o mercado, ou seja, na realidade, a restauração do capitalismo.

Assim o representante do MIC, professor A.A. Serguéiev, com a lógica férrea da ciência da Economia Política, demonstrou insistentemente no seu relatório que estava em causa o regresso ao capitalismo:

«Além do mercado de mercadorias, existem ainda dois outros mercados. Há o mercado do capital privado, representado nas bolsas de valores, e o mercado da força de trabalho. Temos, pois, que estes dois mercados tomados em conjunto resultam inevitavelmente em mercado capitalista clássico, mesmo que lhe chamemos regulado. E daqui não se pode sair.

Neste sentido queria chamar a atenção para o seguinte facto. Recentemente, a revista Voprossi Ekonomiki publicou a plataforma económica da Aliança Democrática. E de repente tornou-se evidente a existência de demasiadas semelhanças entre esta plataforma abertamente pró-capitalista e aquilo que o governo agora propõe. Eis, pois, em que consiste o verdadeiro sentido da desideologização e da despolitização da economia. (Aplausos) Nesta armadilha, habilmente colocada por uma parte dos inter-regionais e pela Aliança Democrática,¹⁰ já ficou firmemente preso Borís Nikoláievitch Élt sine.

Nikolai Ivánovitch [Rijkov] será que ainda não viu que está preparado um lugar para si nesta armadilha?» (Risos, aplausos)

Serguéiev, por incumbência dos delegados do MIC, insistiu na necessidade de analisar a via alternativa de desenvolvimento comunista, em conformidade com a tendência do progresso científico-técnico:

«É nossa convicção de que a única abordagem científica na elaboração da linha social e económica consiste em nos apoiarmos no processo objectivo de socialização material da produção, que se desenvolve em toda a economia mundial. É um processo complexo, contraditório, que avança por vezes em ziguezague, mas toda a experiência do século XX, incluindo as últimas décadas, mostra que é um processo imparável. Adotar nestas condições a linha da chamada desestatização, que se revelará uma dessocialização primitiva, significa, em termos figurados, remar contra a necessidade económica. (Aplausos)

¹⁰ O Grupo de Deputados Inter-regionais (*Межрегиональная депутатская группа*) formou-se no I Congresso dos Deputados do Povo, reunido em Moscovo entre os dias 25 de Maio e 9 de Junho de 1989. Entre os seus líderes estavam Borís Élt sine, Andrei Sákharov, Iúri Afanássiev ou Grávil Popov. Com o apoio tácito da equipa de Gorbatchov, bateram-se pela eliminação do papel dirigente do PCUS.

A Aliança Democrática (*Демократический союз*) foi formada como partido político de oposição, em Maio de 1988, por um grupo de dissidentes anti-soviéticos, com o objectivo de derrubar o sistema socialista e instaurar um regime parlamentar burguês. Entre os seus dirigentes estava Vladímir Jirinóvski, que mais tarde se tornou conhecido com líder da extrema-direita. No final dos anos 90, após várias cisões internas, cessou a sua actividade como partido político. (*N. Ed.*)

Mas quanto mais se inculcar na consciência das massas soviéticas, com a ajuda dos meios de informação monopolizados pelas forças radicais de direita, estereótipos incompatíveis com a sua essência colectivista, formada não apenas durante os anos do poder soviético, mas, sublinho, no decurso do desenvolvimento histórico multi-secular, mais brusca será a arrancada do povo em direcção à escolha condizente com Outubro. É que estas pessoas, Mikhail Serguéievitch [Gorbatchov], o povo, não têm para onde emigrar».

O orador sublinhou ainda que esta concepção científica – «alternativa baseada no processo de socialização material da produção em desenvolvimento, é apoiada não apenas por economistas caídos em desgraça. Ideias semelhantes são desenvolvidas por conhecidos académicos soviéticos. É o caso do académico Legassov, já falecido, ou dos académicos Struminski, Semenikhi, Moissiev, e Paton. Por que razão as ideias destas pessoas, que conhecem perfeitamente os mecanismos actuais do progresso científico-técnico, não são levadas à prática no âmbito da reorganização económica. Dir-se-á que não são economistas. Isso é verdade, em contrapartida são verdadeiros académicos.»¹¹ (Aplausos)

O debate decorria num ambiente muito emocional, e nós pretendíamos também mostrar a imoralidade da ideologia de mercado. Assim, Seguéiev continuou a sua intervenção com a seguinte comparação:

«Aleksandr Nikolaiévitch Iákovlev lembrou ao Congresso que Jesus expulsou do templo os vendilhões e usurários. Devíamos repetir hoje essa acção. (Aplausos, risos) Porém, ao abrir o [jornal] Moskóvski Komsomólski, de 27 de Abril deste ano, li o seguinte: “Ninguém confessa que ganhou dinheiro no mercado negro ou em actividades ilícitas. Então como saber qual a origem do dinheiro? (...) Melhor seria pensar na maneira de ‘captar’ esse dinheiro de modo a poder ser aplicado. É possível utilizar o capital accionista, pôr à venda pequenas lojas e oficinas, arrendar terras” (...). Leio e vejo que estão a convidar os usurários a fazer “um festim no templo”. E quem convida é Aleksandr Nikolaiévitch Iákovlev.» (Aplausos)

O orador terminou com uma referência que encostou literalmente Gorbatchov à parede:

«No seu relatório a este Congresso, Mikhail Serguéievitch Gorbatchov afirmou que o Programa do Partido, adoptado no XXVII Congresso, está desactualizado. É natural. A vida não pára. Mas considero que certas teses que foram proclamadas no XXVII Congresso continuam a ter hoje grande actualidade e merecem ser repetidas nos documentos do XXVIII Congresso. Refiro-me, antes de mais, às seguintes palavras do relatório de Mikhail Serguéievitch ao XXVII Congresso: “Se começarem a manifestar-se tendências para a propriedade privada, isso significa que algo está errado na escolha da via e dos meios no nosso trabalho, e isso tem de ser corrigido.” Obrigado por esta possibilidade.» (Aplausos)

No Congresso Constituinte do PC da RSFSR, o representante do MIC, Mikhail Vassílievitch Popov, membro do Comité do Partido do Oblast de Leningrado e professor na Universidade Estatal de Leningrado, defendeu a necessidade de analisar uma concepção alternativa de desenvolvimento da sociedade:

«Precisamos desta concepção para podermos definir o nosso futuro, porque sem futuro o partido morre, a juventude não o seguirá. Penso que devemos promover um

¹¹ O termo «académico» é aqui utilizado no sentido de membro da Academia das Ciências da URSS. (N. Ed.)

amplo debate sobre esta questão, caso contrário os comunistas serão acusados de não terem conduzido o povo na direcção inscrita na nossa bandeira vermelha: “Proletários de todos os países uni-vos!”; mas na direcção oposta: «Trabalhadores de todas as repúblicas da União separai-vos e matai-vos uns aos outros!»

Assinale-se que a última previsão veio a confirmar-se nas repúblicas da URSS e da Rússia com trágicos resultados. A concepção alternativa, apresentada de um ponto de vista científico, foi descrita do seguinte modo:

«No que respeita à essência desta concepção, consideramos que o socialismo não é um modelo, mas uma necessidade objectiva, uma etapa normal no desenvolvimento da sociedade humana. Consideramos que no socialismo há condições para a ocorrência não só de fenómenos positivos, mas também de fenómenos negativos. Não precisamos de ir ao estrangeiro para os encontrar, eles também se desenvolvem no nosso país devido às contradições na base económica. Consideramos que é através da luta entre tendências contrárias que se produz o avanço da sociedade. Consideramos que estas contradições se resolvem orientando a economia para o valor de uso, para as pessoas, e não para o valor, para o rublo (...)

Quero salientar que a principal tese desta concepção consiste no facto de que, hoje, no nosso país, se confrontam duas linhas; uma comunista e outra não comunista. Uns procuram o enriquecimento de toda a sociedade e o desenvolvimento de todos, a diminuição da desigualdade social na base do desenvolvimento geral. Outros procuram ficar com a maior fatia de um bolo cada vez menor. Devo dizer, camaradas, que esta não é uma luta ideológica. A verdade é que cada um de nós tem estes dois interesses. Eu tenho-os, tal como todos. E cada um de nós que aqui está tem de resolver este problema consigo próprio. Esta é a nossa vida socialista. Mas só são comunistas aqueles que resolvem esta contradição do seguinte modo: apesar de tudo devemos enriquecer todos e dessa forma cada membro da sociedade. E porque somos comunistas, fazemo-lo agora, e não nos limitamos a encarar o comunismo como perspectiva, de tal forma que do socialismo apenas nos resta a escolha. (Aplausos) Consideramos que a questão central é o restabelecimento do poder dos soviets».

Estas questões fundamentais, nas suas diferentes variantes, continuam a ser hoje desenvolvidas no plano teórico e na prática política dos partidos que se consideram comunistas.

De quem é este partido?

Assim, uma das questões centrais, e provavelmente a mais palpitante, é a de saber quais os interesses de classe que o PCUS deveria exprimir e como os exprimiuiu na prática? Esta questão foi abordada de uma ou de outra maneira por muitos delegados, nomeadamente por alguns que não eram grandes conhecedores das subtilezas da essência político-económica do mercado.

Por exemplo, Maria Terentievna Kabelkova, professora no Instituto Pedagógico Estatal de Abakan,¹² tocou no cerne da questão:

¹² Abakan ou Abacã (Абакан) é a capital da República Russa da Sacássia (Хакасия), ao Sul da Sibéria. (N. Ed.)

«Penso que a principal tarefa do XXVIII Congresso é dar esperança aos povos e justificar os seus anseios, então será possível superar todas as dificuldades. Caso contrário, cedo ou tarde, surgirá a pergunta: será que o povo precisa deste partido para alguma coisa?». (Aplausos)

Respondendo a esta questão, o primeiro secretário do CC do PC da Quirguízia e Presidente do Soviete Supremo da República, camarada Abssamat Massiliévitch Massiliev, fez a seguinte observação:

«Hoje como nunca são actuais as palavras de Lénine escritas há quase 70 anos. Passo a citar: “É preciso ter coragem de olhar de frente a amarga verdade. O partido está doente. O partido treme de febre. Toda a questão está em saber se a doença atingiu apenas as ‘cúpulas atacadas de febre’, e talvez exclusivamente as de Moscovo, ou se todo o organismo foi atingido pela doença (...) Que é preciso fazer para alcançar a cura mais rápida e mais segura? É preciso que todos os membros do partido, com absoluto sangue frio e a maior atenção, comecem a estudar 1) a essência das divergências e 2) o desenvolvimento da luta no partido.”¹³

O nosso partido é um organismo complexo e vivo, que exige cuidados e atenção constantes. Sucede que nos últimos tempos esta atenção deixou de ser prestada e o PCUS começou a perder prestígio. Em muitas organizações surgiram manifestações de descrença, de abandono das posições de princípio. O partido está a perder apoio mesmo no seio da classe operária, cujos representantes começaram a abandonar as suas fileiras. Como travar esta tendência negativa? O caminho é só um: voltarmos de frente para os operários e para o campesinato».

Por sua vez, Evguéni Vassiliévitch Maksímov, escritor da região de Smolensk, exprimiu-se sobre este tema com a simplicidade camponesa:

«Para escutar a terra, falar cara a cara com os agricultores e conhecer o seu pensamento, em Abril fui para as profundezas dos campos de Smolensk e da região de Kalínine. Ali todos esperam um Partido Comunista renovado, anseiam pela a sua ajuda, caso contrário, daqui a dois ou três anos, ela já não será precisa (...). Eis um telegrama dos meus conterrâneos: “Diga aos detractores do recém fundado Partido Comunista da Rússia que nós esperamos mais de meio século por ele, temos esperança nele, uma vez que o PCUS nos esqueceu.”» (Aplausos)

De forma não menos definida e clara exprimiu-se à maneira dos operários Valentine Alekséievitch Gaivoronski, soldador na empresa de construção de máquinas Azoumach, de Mariupol, no Oblast de Donetsk:

«Da antiguidade chegou até nós um aforismo sábio: “num Estado são florescem os ofícios e as artes, num Estado doente há muitos chefes e palavreado sobre a ordem”. (Aplausos) (...) Na caminhada para o poder coloca-se a qualquer partido a questão de ganhar as massas. E o momento determinante é quando se torna claro quem tem o apoio da classe operária. Neste sentido, a indefinição das plataformas no Comité Central é alarmante. Não é normal uma situação em que a classe mais numerosa e influente não disponha da sua vanguarda, que defenda e lute pelos seus interesses políticos. Se o partido perder o seu carácter de classe, os operários criarão inevitavelmente o seu partido. Um partido é-o precisamente porque não reúne toda a gente sob a sua bandeira.»

¹³ *A Crise no Partido*, 19 de Janeiro de 1921, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1986, t. 5, pp. 210-211. (N. Ed.)

Sobre a mesma questão abordada pelo soldador de Donetsk, pronunciou-se o primeiro-secretário do CC do PC do Cazaquistão, Nursultan Nazarbáev:

«Penso que há muito chegou a hora de o partido declarar que o PCUS é o partido, antes de mais, da classe operária, que não apenas exprime mas defende os seus interesses estratégicos. Infelizmente, no relatório do CC, não encontramos uma posição clara sobre esta questão de princípio (...) Camaradas, a mim pessoalmente, esta preparação febril, apressada da transição para as relações de mercado lembra-me um exército desesperado em debandada porque não preparou previamente linhas na retaguarda».

É certo que Nazarbáev não precisou porquê e quando o partido se afastou da classe operária.

Também os inimigos já assumidos do partido haviam compreendido a importância desta questão. Assim, B.N. Éltsine, com aleivosia e brusquidão, serrou o ramo em que o PCUS estava sentado:

«A principal questão que está em debate no Congresso não é a reorganização [perestroika] do país e as vias do seu desenvolvimento. Essa questão é decidida pelo povo do lado de lá das paredes deste edifício, é decidida nos soviets de deputados do povo. Neste Congresso, a questão que se coloca é, antes de mais, qual o destino do próprio PCUS (...) Num Estado democrático é inevitável a passagem para o multipartidarismo».

Como é evidente, numa tal situação muito dependia do estado-maior do partido, do seu Comité Central, o qual por inércia ainda era chamado de CC leninista. Porém, a sua essência já era completamente diferente, circunstância que alguns delegados assinalaram com ironia. Foi o caso de Nikolai Nikoláievitch Sidorkine, secretário do Comité do Partido do combinado mineiro-metalúrgico *Petchenganikel*, pertencente ao conglomerado *Norilski Nikel*:

«É tempo de reconhecermos honestamente que o CC do PCUS, órgão que devia reflectir a razão colectiva do partido, exprime na realidade um qualquer desarrazoado colectivo.»

Este desarrazoado tem agora de ser destrinchado pelos comunistas nos seus documentos programáticos. O que está a ser feito, se bem que de formas diferentes. A opinião actual dos camaradas do PCFR resume-se à ideia de que o PCUS não percebeu a tempo as alterações estruturais na sociedade, que reflectiam mudanças qualitativas nos meios de produção. Que, alegadamente, com o desenvolvimento decorrente do progresso científico-técnico, emergiu em primeiro plano uma certa nova camada progressista da intelectualidade científico-técnica: uma *classe tecnocrática*. O PCUS, supostamente, não percebeu a tempo estas alterações e não pode reflectir os interesses desta camada que estava a crescer até se tornar uma classe. Continuou assim a dirigir-se para a classe operária tradicional e por isso foi derrotado.

Nós discordamos categoricamente deste ponto de vista. Do ponto de vista dos comunistas ortodoxos, representantes do MIC no XXVIII congresso e do PCOR hoje, o PCUS deixou de exprimir os interesses da classe operária tradicional e, conseqüentemente, de todas as outras camadas de trabalhadores. Precisamente por isso, deixando-se arrastar por apelos anti-soviéticos, os mineiros da URSS entraram em greve e exigiram a eliminação do artigo 6.º da Constituição. Precisamente por isso, no XXVIII Congresso, Razumovski, secretário do CC, relatou:

«Aumenta o número de membros que saem do PCUS. No ano passado foram 136,6 mil, neste ano, tudo indica que serão muitos mais (só no primeiro trimestre saíram

82 mil). Entre eles há muitas pessoas para quem a sua filiação no partido se tornou inconveniente, mas também há aqueles que não entendem a actual situação».

Secretários de comités do partido de grandes empresas relataram condoídos a saída de milhares de operários do partido. E precisamente por isso a classe operária reagiu com quase total indiferença à interdição da actividade do PCUS, decretada por Élt sine após os acontecimentos de Agosto de 1991. Este já não era o seu partido. Se quiséssemos responder de forma muito breve à pergunta: «Porque é que o PCUS e o socialismo na URSS foram derrotados?» – Então diríamos que a razão principal foi porque o PCUS deixou de ser o partido da classe operária.

Este facto de resto é testemunhado por um episódio curioso.

Em redor do *Hotel Rússia*, onde ficaram alojados os delegados ao Congresso, concentraram-se todo o tipo de grupos de anticomunistas «democratas» com cartazes azuis, amarelos e brancos. E só o grupo da Frente Unificada dos Trabalhadores [FUT] ostentava um cartaz vermelho com o lema «*Transformemos o PCUS num partido comunista!*».

À noite, tendo já vestido calças de ganga e uma camisa axadrezada, fui para a rua fumar e aproximei-me daquele grupo. Na cartolina estavam inscritas outras exigências, nomeadamente, «*Ligatchov, Serguéiev, Makachov e Tiúlkine ao CC*». Pergunto-lhes: «*Os três primeiros ainda vá, compreende-se. Mas esse Tiúlkine, porquê para o CC?*» (tinham ouvido falar da minha intervenção no Congresso, mas naturalmente não podiam reconhecer-me). A resposta foi o mais clara possível: «*Vai-te embora daqui, focinho de Gorbatchov, ou vamos-te à tromba não tarda*». E foi assim que travei conhecimento com os meus futuros camaradas de luta da FUT de Moscovo.

Para o mercado – para o capitalismo sob a bandeira vermelha

O XXVIII Congresso do PCUS aprovou, numa resolução específica, a linha da passagem para a economia de mercado. A sua análise e aprovação demoraram apenas 20 minutos. O documento não foi colocado à discussão separadamente. No entanto, foi precisamente sobre este aspecto da luta teórica que os representantes do MIC e da Plataforma Marxista travaram a principal batalha contra Gorbatchov e os «mercantilistas». Tratou-se de um confronto algo estranho e de início pouco explícito, pelo menos na aparência. Começou com as intervenções dos nossos representantes defendendo o Congresso Constituinte do PC da RSFSR, continuou na secção sobre Economia do XXVIII Congresso, depois o professor Serguéiev apresentou o seu relatório na sessão plenária, que teve um acolhimento significativo e até massivo por parte dos delegados. O *Presidium* viu-se na necessidade de exercer uma pressão constante sobre a sala, utilizando a vantagem do microfone para impor a sua condução dos trabalhos. O seguinte episódio é revelador.

Quando foram criadas as comissões do Congresso para preparar os documentos, foi definido que uma delas prepararia a resolução sobre a Economia, tendo sido previamente designada de «*Comissão do XXVIII Congresso do PCUS para a preparação da Resolução sobre a Passagem para a Economia Regulada de Mercado*». (Propunha-se que fosse integrada por 57 pessoas).

Todavia, os delegados ao Congresso discordaram justamente da circunstância de esta decisão lhes ser apresentada como um facto consumado. O camarada Abramov,

secretário do Comité do Partido da Fábrica de Construções Mecânicas de Krasnogorski, do Ministério da Defesa da URSS, no Oblast de Moscovo, tomou a palavra para salientar:

«Camaradas comunistas. Tenho uma objecção a fazer. Não considero correcto a forma como é apresentada a “Resolução sobre a Passagem para a Economia Regulada de Mercado”, designadamente no que respeita à escolha do seu nome. Isto porque ele pressupõe que o Congresso já reconheceu, mesmo sem a ter debatido, a consensualidade e inquestionabilidade desta via de desenvolvimento da economia. Isto lembra-me a situação ocorrida no Congresso do PC da RSFSR, em que, depois de muitos intervenientes terem discordado de que a palavra socialismo fosse adjectivada [socialismo de mercado, de rosto humano, etc. (N. Ed.)], apesar disso, todos os adjectivos foram mantidos na resolução aprovada. Maior perplexidade me causou a resposta de Mikhail Serguéievitch Gorbatchov, dizendo que falaríamos sobre esse conceito no XXVIII Congresso do PCUS. Pergunta-se, qual é a lógica do nosso comportamento?»

Por isso proponho que a resolução sobre a questão da construção económica passe a chamar-se: «Sobre a Política do PCUS para a Realização da Reforma Económica e Adopção de Medidas Inadiáveis para a Estabilização da Situação Social e Económica do País». (Aplausos)

Se não discutirmos estes problemas e não definirmos a posição do Congresso sobre eles, então não teremos nada para levar para os nossos colectivos.

Recordo a tese de Lénine, na sua intervenção no VIII Congresso do PCR(b), de que o programa do partido não pode ser apenas o programa do partido. Deve transformar-se no programa da construção económica, de outro modo não serve como programa do partido.

Da deliberação da última sessão do Soviete Supremo da URSS, “Sobre a Concepção da Passagem à Economia Regulada de Mercado”, do relatório da direcção do partido ao presente Congresso, apresentado por Mikhail Serguéievitch Gorbatchov, tiro a conclusão de que, tal como tem vindo acontecer, foi anunciada mais uma complicada receita para a cura das nossas doenças, sem que a direcção do país e do partido tenha assimilado a tecnologia da sua composição e administração. Pode ser que não seja assim, mas os comunistas nas regiões não estão convencidos de que assim não é, uma vez que o partido foi excluído deste processo.

Do nosso Congresso esperam que esta lacuna do trabalho do CC e do Politburo seja colmatada. Esta tarefa, tendo em conta a nova situação do partido na sociedade, é complexa, mesmo muito complexa, mas nós temos a obrigação de propor a nossa via alternativa para a sua resolução.

Peço que esta proposta seja debatida e votada. Penso que os delegados terão outras propostas sobre esta resolução que o Congresso deve aprovar. Obrigado. (Aplausos)

Resultados da votação:

Número mínimo necessário para a aprovação da proposta – 2205

Votaram a favor – 3745

Votaram contra – 468

Abstiveram-se – 134.

Total de votantes – 4347

Não votaram – 61

A proposta foi aprovada.»

A maioria votou expressamente a favor do procedimento proposto, todavia, depois, quando a Comissão apresentou os resultados do seu trabalho ao Congresso, manteve o antigo nome da resolução, alegando simplesmente que não podia ser de outro modo. Além disso, a Comissão recusou analisar e propor à votação a resolução alternativa apresentada por representantes do MIC e da Plataforma Marxista, afirmando que esta proposta, alegadamente, se distinguia da sua «*de mercado*» apenas porque defendia a realização de um debate no partido, o que levaria a uma *perda de tempo* e (preste-se atenção) *ao desfasamento do partido em relação à medidas aplicadas pelo governo e pela direcção do Estado*. Ou seja, os homens da equipa de Gorbatchov não só arrastavam o partido e o povo para o capitalismo, como tinham pressa, receavam atrasar-se, reconhecendo que a direcção do Estado e o governo já se tinham precipitado nessa direcção.

Tenho ideia de que, mesmo nos círculos mais altos da direcção do partido e do Estado, a passagem para o mercado foi aceite com dificuldade. Todos nos recordamos de Nikolai Ivánovitch Rijkov, um «bolchevique choramingas», então presidente do Conselho de Ministros da URSS, que perante o Congresso de Deputados do Povo, com o coração a doer, perguntou solenemente: «*E vós, perguntastes ao povo? Será que ele quer o capitalismo?*».

Naturalmente que ninguém perguntou ao povo. Pelo contrário, ao povo prometeram *socialismo de rosto humano e mercado socialista*. Mas apesar dos nossos esforços, não foi possível ter uma conversa substantiva com Rijkov durante o XXVIII Congresso. Uma vez, no final do dia, eu com um grupo de camaradas fomos ter com ele e começámos a conversa dizendo-lhe que a sua posição era diferente da daqueles que já na altura apelavam activamente à desestatização e à privatização. Propusemos-lhe que nos encontrássemos para falarmos a sós.

Rijkov aparentava estar muito cansado, fixou algo ao nosso lado e disse uma frase que jamais esquecerei: «*Ah, homens, vocês nem imaginam até que ponto é tudo uma porcária*». Combinámos que arranjaríamos tempo para conversar mas... nunca se proporcionou.

O facto de que as coisas estavam más era perceptível para muitos delegados que tinham vindo dos diferentes confins da União e das mais diferentes esferas de actividade. Alguns extractos das suas intervenções são ilustrativos.

Assim, o primeiro-secretário do CC do PC da Letónia, A. Rubiks, com o coração a doer, disse que o socialismo já estava a ser destruído abertamente:

«*O Estado socialista está a ser alterado e substituído pelo Estado burguês. Restaura-se não só o regime estatal, mas também o direito à propriedade privada de quaisquer meios de produção, incluindo as terras dos kolkhozes. A terra está a ser devolvida aos que a possuíam no período burguês ou aos seus herdeiros, incluindo àqueles que residem no estrangeiro.*»

O primeiro-secretário do Comité do Partido da Região de Itchalkovski, na República de Mordóvia, Aleksándr Nikoláievitch Burkanov, frisou que o povo comum não aceita o mercado:

«*O mercado para nós é simplesmente um choque. É isto que ele significa para os kolkhozianos e operários.*»

Confirmando que os kolkhozianos não se alegravam particularmente nem acreditavam na ideia do mercado, V.A. Starodubtsev, presidente do kolkhoz *Lénine* de agro-pecuária em Novomoskovski, no *oblast* de Tula, afirmou:

«Não é por acaso que no nosso Congresso Camponês se ouviram palavras como: “Mercado facínora! Mercado cruel!” Há aqui matéria para reflexão. É que os camponeses serão obrigados a responder na mesma moeda: menos produção, mais caro. E então toda a concepção da perestroika cairá por terra».

Já o primeiro-secretário do CC do PC do Uzbequistão e presidente da República, Islom Abduganiévitch Karímov, falou dos riscos e precauções a tomar antes de se prosseguir a linha do mercado:

«As pessoas só poderão compreender e aceitar todas as dificuldades do período de transição para as relações de mercado se isso lhes for dito de forma clara e aberta, se lhes forem dadas garantias de protecção social, sobretudo para as camadas mais desfavorecidas da população. Além disso é muito importante ter em conta as especificidades e o ponto de partida de cada república e região. Em suma, só se pode passar para a economia de mercado quando convenceremos as pessoas e alcançarmos um consenso nacional».

Todavia, os apologistas do mercado não queriam esperar até que se chegasse a um consenso popular, e forçaram o processo de forma categórica e vigorosa. L.I. Abálkine, vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS e presidente da Comissão Estatal do Conselho de Ministros da URSS para a Reforma Económica, disse a este propósito:

«Se queremos ter uma economia eficaz, flexível, orientada para o progresso científico-técnico, se queremos ter lojas cheias de artigos diversificados e de alta qualidade, se queremos acabar com a vergonha das filas de espera, com a especulação e a distribuição em circuito fechado, se queremos criar estímulos poderosos para o trabalho, então não temos outra opção senão a passagem para a economia de mercado. (Barulho na sala)

Com estes *cientistas* mercantilistas faziam coro os representantes daquela intelectualidade artística igualmente adepta do mercado, esse *cérebro da nação*, cuja argumentação era de um simplismo primitivo. D.N. Kulgultinov, escritor e membro do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS, afirmou:

«Entramos agora na humanidade civilizada, da qual estivemos apartados 60-70 anos».

Decerto que foi por terem superado esse hiato que elegeram Kulgultinov para o *Politburo* do CC do PC da RSFSR.

O destino da reforma económica, isto é o destino do povo, e o destino do partido estavam indissociavelmente ligados. I.A. Prokófiev, primeiro-secretário do Comité de Moscovo do PCUS, reflectiu sobre este assunto:

«O partido encontra-se hoje numa encruzilhada de três caminhos. O primeiro é o regresso ao sistema de comando-administrativo. Se formos por ele, ver-nos-emos na periferia da civilização mundial. O segundo caminho é o da democratização radical, da renovação do partido, no fundo trata-se da sua refundação como organismo político. E por fim, a terceira opção, dividirmo-nos e criarmos a partir dos fragmentos do PCUS novas estruturas políticas».

A direcção do partido afastou categoricamente a possibilidade de se examinar uma verdadeira alternativa científica ao mercado, tendo impedido ao longo de dez dias de trabalhos que o Congresso a discutisse. Chegámos ao décimo primeiro dia, ao último do Congresso.

O último dia do Congresso

Em resultado do trabalho coordenado dos delegados do MIC e da Plataforma Marxista e dos camaradas nossos convidados, acabámos por conseguir que nos fosse cedida a palavra para expor as nossas posições. Para poderemos apresentar a nossa proposta de resolução, reunimos mais 150 assinaturas de delegados (o regulamento exigia um mínimo de cem assinaturas) e entregámos a respectiva petição ao secretariado. Mas o tempo passava sem que nos dessem a palavra. Nas diligências que fizemos junto do secretariado e dos membros do *Presidium* que presidiam ao Congresso percebemos que estavam «a fingir-se de parvos»: o responsável pelo secretariado, A. Ilíne, jurava que tinha entregue tudo ao *Presidium*, e o *Presidium* (na pessoa de A. Lukiánov e outros) dizia que não tinha recebido nada. Decorria o último dia do Congresso e os delegados já começavam a fazer as malas. Foi então que os nossos representantes (delegados e respectivos convidados) se apoderaram dos 23 microfones que estavam espalhados pela sala e recusaram entregá-los, ignorando os apelos do *Presidium*, numa atitude algo ameaçadora. Na sala, os delegados começaram a sentir o aumento da tensão e todas as atenções se desviaram dos oradores para se concentrar neste confronto por enquanto silencioso entre Gorbatchov e os «iniciativistas». Nessa altura sentei-me na primeira fila, uma vez que os camaradas me tinham incumbido de apresentar a nossa proposta de resolução. Vendo que a situação não se resolvia com meros apelos, Gorbatchov fez-me sinal com a mão para que fosse ao *Presidium*, indicando à segurança que me deixasse passar. Subi ao palco, passei por detrás da primeira fila do *Presidium* e acerquei-me do secretário-geral. Cumprimentámo-nos com um aperto de mão, e ele, olhando-me nos olhos, de forma tão penetrante, diz-me num tom amigável: «*Viktor, que estás a fazer? Temos-te como um dos nossos, e tu...?*» Respondo-lhe: «*Pois bem, Mikhail Serguéievitch, naturalmente que sou um dos nossos, manifesto-me apenas pelo cumprimento do regulamento. Está estabelecido dar a palavra, é preciso que o façam. A questão mais importante – a política económica – foi tratada em 20 minutos para concluíram que não há alternativa.*»

«*Quais 20 minutos?*» – replica Gorbatchov – «*Há 11 dias que estamos a falar*». Respondo-lhe: «*Mais razão me dá. Falamos há 11 dias, mas não houve oportunidade de nos pronunciarmos sobre a essência desta questão central. Assim, Mikhlail Serguéievitch, peço-lhe, em conformidade com o regulamento, conceda-nos os cinco minutos estabelecidos.*»

Gorbatchov lança-me um olhar fixo, sombrio e envolvente. Não era fácil afastar-me dele, tanto mais que continuava a ser o secretário-geral, mas consigo distanciar-me, as últimas palavras tinham sido minhas, e regresso ao meu lugar. Durante minuto e meio, Gorbatchov permanece no lugar com uma expressão tenebrosa, agita os dedos nervosamente, depois levanta-se bruscamente, pega na sua pasta e sai do *Presidium* pelas traseiras do palco. Muitos delegados tinham deixado de prestar atenção ao que se dizia da tribuna, e acercaram-se de mim procurando saber o teor da conversa com Gorbatchov. Digo-lhes em tom de gozo que ele me pedira cem rublos emprestados há mais de uma mês e não havia maneira de mos devolver, e estando eu a viver num hotel, o dinheiro começava a fazer-me falta. Brincava, naturalmente, mas o principal tinha sido feito. A presidência dos trabalhos passou para Stanislav Ivánovitch Gurenko, que nos deu logo a palavra. Transcrevo a seguir na íntegra a intervenção estenografada sobre as «*posições da minoria*»:

Tiúlkine, V.A. *Camaradas comunistas! Precisamos de falar. Em primeiro lugar proponho que assinalemos a democraticidade do nosso Presidium, que concede a palavra não só a pessoas que abandonam o navio do partido, mas também àqueles que decidiram permanecer para sempre comunistas. (Aplausos)*

Em segundo lugar, agora falando a sério, o que me traz aqui são as decisões aprovadas sobre a política social e económica do partido. Falo em nome do grupo de delegados ao Congresso, participantes no Congresso de Iniciativa de Leningrado e de parte dos camaradas da Plataforma Marxista.

Humanamente compreendemos a posição dos organizadores deste Congresso de fazer aprovar de qualquer maneira a linha, eventualmente ainda não completamente esclarecida, da passagem para a economia de mercado. E é preciso assinalar que a Comissão sob a presidência de Rijkov e Abálkine conseguiu com assinalável sucesso e rapidamente, no espaço de 20 minutos, fazer aprovar a linha de Abálkine-Rijkov.

Gurenko, C.I. *Peço ao orador e a todos os presentes que respeitem as normas estabelecidas no início dos trabalhos.*

Tiúlkine, V.A. *Concerteza, Stanislav Ivánovitch.*

Gurenko, V.A. *Peço-lhe que continue.*

Tiúlkine, V.A. *Consideramos que não foi dada possibilidade aos delegados de examinarem devidamente esta questão e que tudo foi feito apressadamente à revelia dos procedimentos aprovados. A resolução mais importante foi debatida e aprovada sem que o projecto alternativo tivesse sido previamente reproduzido e distribuído.*

Por isso fazemos a seguinte declaração: Consideramos que a votação da resolução sobre questões da estratégica do partido, das quais depende o destino do país, o destino do partido e da perestroika, foi feita de forma apressada, negligenciando-se normas regulamentares. As nossas propostas foram rejeitadas liminarmente, sob a alegação de que não representavam uma reforma alternativa. A nossa posição, sendo hoje uma posição minoritária, foi praticamente ignorada. Não foi sequer colocada à votação a proposta de realização de um debate no partido sobre este conjunto de problemas, Consideramos necessário alertar todos os comunistas do país para o seguinte: A passagem irreflectida para o mercado, enquanto sistema geral, incluindo o mercado de capitais e o mercado de mão-de-obra, irá inevitavelmente conduzir ao incremento das relações capitalistas. E a cura forçada do socialismo com o capitalismo, contrariando processos objectivos, arrastará consigo, não um aumento da produção e do nível de vida, mas a sua inevitável queda, suscitará uma ampla contestação social e provocará duros sofrimentos ao povo. Existem várias outras concepções de reorganização económica que não significam o regresso ao passado: nem ao regime burguês, nem ao sistema de comando-administrativo. Consideramos necessário que esta opinião de uma minoria de delegados fique registada neste Congresso para que, por iniciativa das bases do partido, se possa realizar um amplo debate sobre projectos alternativos e estejamos preparados para intervir em prováveis confrontos nos tempos mais próximos, com vista a evitar a falência total da actual linha económica adoptada.

Resumindo – e esta é a ideia principal – o partido não pode realizar uma perestroika que provoque uma acentuada deterioração das condições de vida do povo. O Partido Comunista não poderá resistir a um tal abalo, e deixará de haver quem defenda os fins últimos do movimento.

O projecto de resolução foi entregue apenas a um décimo das delegações. Peço que sejam colocados à votação a presente declaração e o projecto de resolução, e que

fiquem registados como opinião de uma minoria do Congresso. Obrigado pela atenção.

Gurenko, V.A. *Um momento! Fique por favor na tribuna, porque surgiu aqui uma situação embaraçosa. Colocar à votação, votar a favor ou contra, uma resolução que 90 por cento dos delegados não viram, como afirma, é de algum modo problemático. Eu não colocaria o Presidium e vós próprios nessa situação embaraçosa. Por isso proponho que registemos a opinião da minoria, como estabelece o nosso regulamento. Ficará na acta estenografada do Congresso. Peço que se tenha em conta que os materiais do Congresso serão analisados pelo Comité Central, e serão tiradas conclusões a este respeito. Mas agora propor que votemos a Resolução, não posso sequer prever quais os resultados de semelhante votação. E vós podereis interpretá-los como uma ofensa aos princípios democráticos.*

Tiúlkine, V.A. *Stanislav Ivanovitch! Justiça seja feita, quando elaborámos a Resolução cem delegados subscreveram o pedido para o uso da palavra. Todavia, por qualquer razão, não nos deram a palavra. Isto em primeiro lugar. Em segundo lugar...*

Gurenko, V.A. *De acordo.*

Tiúlkine, V.A. *Um momento. A palavra foi pedida para apresentar a Resolução. Mas pediria então que seja colocada à votação só a declaração que acabei de ler.*

Gurenko, V.A. *De acordo. Quero apenas, justiça seja feita, que olhe para a lista de oradores que usaram da palavra na sessão plenária do Congresso. Segundo penso, intervieram representantes da Plataforma Marxista e representantes da Plataforma Democrática. Os seus pontos de vista ficaram esclarecidos. O camarada Tiúlkine quer que coloquemos esta questão à votação. Quem vota a favor da sua declaração? Quem vota contra a sua declaração? (Vozes indecifráveis, barulho na sala)*

Gurenko, V.A. *Não são admissíveis gestos ameaçadores, o direito da minoria está consagrado no regulamento. Vamos votar: quem apoia que vote «a favor», quem não apoia que vote «contra». O Congresso actuará em conformidade com os resultados da votação. Peço que votemos para encerrar este assunto.*

Resultados da votação

Maioria para a aprovação da decisão – 1923

Votaram a favor – 1259

Votaram contra – 2012

Abstiveram-se – 414

Total de votantes – 3685

Não votaram – 160

A decisão não foi aprovada

Gurenko, V.A. *Portanto, isto pode e deve constar nos materiais do nosso Congresso como opinião da minoria. Obrigado.»¹⁴*

¹⁴ XXVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, 13 de Julho de 1990, *Boletim* N.º 14, Moscovo, 1990.

Note-se que Gurenko procurou evitar a votação, com o argumento de que os delegados não dispunham do texto da resolução, propondo o mero registo da declaração. No entanto, nós estávamos preparados e insistimos então na votação da declaração lida e ouvida pelos delegados. Obtivemos assim 1259 votos a favor e, desse modo, a Declaração da minoria ortodoxa, em conformidade com os Estatutos, foi registada como «*uma opinião particular*».

Os acontecimentos posteriores ao XXVIII Congresso confirmaram a justeza das nossas previsões, tanto a respeito do descalabro da economia e empobrecimento do povo, como a respeito do destino do próprio PCUS. Anos depois, nas comemorações do 10.º aniversário da chegada de Gorbatchov ao poder, Vadime Bakátine, um proeminente membro da sua equipa, antigo presidente do *KGB*, à pergunta dos jornalistas – «*Quais foram os fracassos e os erros mais importantes por si cometidos sob a direcção de Gorbatchov?*» –, respondeu: «*O maior fracasso foi, talvez, o facto de não se ter conseguido substituir pacificamente os valores programáticos do PCUS por valores inteiramente sociais-democratas.*» Nós, isto é, o Movimento Iniciativa Comunista, tivemos uma participação directa na resistência a este processo, de que em geral nos orgulhamos. Mas não tivemos força suficiente para travar a restauração do capitalismo.

O socialismo de mercado

A marcha para o capitalismo sobre a bandeira vermelha – o sonho de Gorbatchov – está hoje em grande parte integrada nos princípios programáticos do PCFR e de toda uma série de partidos de outros países que se designam de comunistas.

É revelador que no círculo próximo de Ziugánov, bem como nas direcções do PCFR e da União de Partidos Comunistas-PCUS,¹⁵ não haja ninguém que tenha intervindo contra Gorbatchov e contra a passagem para o mercado no XXVIII Congresso do PCUS. Nem um! Uns foram varridos, outros saíram por si próprios: Makachov, Abaliane, Chénine, Ligatchov, Rubiks, Kossolopov, Benedíktov, Boltovski, Kozlenkov, Iákuchev, etc.

Em contrapartida, os dirigentes e quadros do aparelho do antigo PCUS estão fortemente representados nas administrações das novas estruturas comerciais (bancos, bolsa, consórcios e *holdings*, sociedades accionistas e outras). Isto faz-me lembrar a

¹⁵ A União dos Partidos Comunistas-PCUS (UPC-PCUS) é uma organização que associa partidos comunistas com actividade no território da antiga URSS. Foi criada após a proibição do PCUS, em Agosto de 1991, por um grupo de membros do CC do PCUS que se manteve activo. Em Junho de 1992 realizam um plenário em que decidem a expulsão de Gorbatchov e em 10 de Outubro do mesmo ano organizam a XX Conferência de Toda a União do PCUS, que examinou um novo projecto de Programa e Estatutos e decidiu convocar o XXIX Congresso do PCUS, que viria a ter lugar em 26-27 de Março de 1993, em Moscovo. Neste Congresso foi então adoptada a designação de União dos Partidos Comunistas-PCUS (UOC-PCUS), que se reclamou legítima herdeira do PCUS. O partido esteve sob a liderança de Oleg Semeonovitch Chénine (1927-2009) até à sua cisão com o PCFR em 2000-2011. Com a saída de Chénine, a presidência passa a ser assumida por G.A. Ziugánov. Até à data a UPC-PCUS realizou seis congressos, o último deles (designado XXXIV, já que foi mantida a numeração dos congressos do antigo PCUS), teve lugar em Moscovo, a 31 Outubro de 2009. (*N. Ed.*)

seguinte história, que me foi contada pelo secretário do Comité do Komsomol do Oblast de Leningrado:

Junto à janela do seu gabinete, Dmítri Filipov, secretário do Comité do PCUS do Oblast de Leningrado, observa grupos da Frente Popular que andam pela Praça da Ditadura do Proletariado, agitando palavras de ordem do género «*Abaixo o PCUS*». Num tom entristecido exclama: «*O nosso povo quer o capitalismo e vai tê-lo. Só que seremos nós os capitalistas.*»

Efectivamente, Filipov conseguiu entrar num grande negócio ligado à indústria petrolífera, mas, nos duros anos 90, foi vitimado por um atentado à bomba à entrada da sua casa.

Os dirigentes do PCFR apregoam a teoria do chamado «*mercado socialista*», invocando abusivamente a experiência da *NEP* de Lénine, sem se apoiarem em qualquer citação, e a experiência actual do desenvolvimento económico na China, sob a direcção do PCC. Todavia, no seu programa ignoram simplesmente que a *NEP* de Lénine se realizou nas condições de um Estado da ditadura do proletariado e não no sistema parlamentar tradicional, que os actuais comunistas mercantilistas, em regra, apresentam como *poder popular*, pretendendo apenas a introdução de regras eleitorais «*justas*» e prometendo utilizar a regulação estatal para dar um sentido social à economia, mediante apelos à consciência dos poderosos possidentes.

O gorbatchovismo, ou seja a linha anti-operária sob fachada comunista, continua hoje a operar tanto na Rússia como no movimento comunista internacional. Se no tempo do PCUS de Gorbatchov a nomenclatura degenerada do partido explorava o tema da submissão da classe operária ao partido dirigente (e até fez alguma coisa para que estas palavras fossem confirmadas por actos), então hoje, encontrando-se na oposição, o partido gorbatchovista dispende de uma bancada no parlamento, explora o tema da defesa dos interesses da classe operária, falando em nome dos trabalhadores. Mas a sua política actual, tanto no plano teórico como prático, é mais pequeno-burguesa do que operária.

Tal como no seu tempo Marx e Engels caracterizaram criticamente, no *Manifesto do Partido Comunista*, os diferentes tipos de socialismo não científico (utópico, cristão, pequeno-burguês, e outros), hoje é necessário compreender e identificar os traços principais do socialismo de *mercado* de Gorbatchov, uma variante moderna do socialismo pequeno-burguês. Do nosso ponto de vista, tais traços estão relacionados com os seguintes aspectos:

– A proclamação do parlamentarismo burguês como *poder popular* e a colocação da exigência de eleições parlamentares «*justas*» e do objectivo da vitória eleitoral no topo das tarefas prioritárias;

– A defesa do modelo económico de *socialismo de mercado*, pretensamente na base de diferentes formas de propriedade, mas no essencial assente na propriedade privada capitalista, sob o poder político da burguesia.

A política do Partido Comunista da China constitui o exemplo e modelo para a maioria dos partidos que partilham esta concepção. Todavia, para os operários da indústria petrolífera da província de Manguistau, no Cazaquistão, que entraram em greve em 2011, – contra os quais o poder reaccionário e os proprietários chineses utilizaram não só o aparelho repressivo, os tribunais e as prisões, como depois organizaram o assassinio de operários e seus familiares e a seguir deram ordem para as forças policiais dispararem sobre os manifestantes – a linha da *construção do socialismo com propriedade privada capitalista* é tudo menos socialista. Aliás,

pensamos que a mesma opinião têm os proletários imigrantes chineses que trabalham (com frequência clandestinamente) nas empresas capitalistas russas em condições terríveis de total privação de direitos e por salários de miséria. Fraternalmente, alertamos os comunistas chineses para o perigo da repetição da via gorbatchoviana (com características chinesas) para o capitalismo sob a bandeira vermelha.

Deste modo, o gorbatchovismo está vivo no movimento comunista actual e, sem a sua superação, não se pode falar em regresso à via do socialismo, à vitória dos trabalhadores, nem na Rússia nem noutros países do mundo.